

«Mais cedo ou mais tarde, esta mistura explosiva de ignorância e de poder vai rebentar-nos na cara.»

Carl Sagan

Sou professor há vinte anos. Nos últimos dezassete efectivo na mesma escola, um verdadeiro privilégio. Não “ascendi” à “categoria” de professor titular. Vi a minha progressão na carreira subitamente congelada por motivos puramente economicistas. Percebi que a nova estrutura da carreira docente obedecia também a uma lógica de contenção e redução de despesas. Senti que se instalava um clima de provocação e humilhação dos professores tendo em vista a sua descredibilização pública e, simultaneamente, um acumular de erosão e desgaste que pudessem conduzir muitos professores à desistência, com o conseqüente emagrecimento dos quadros da função pública.

Exerci diversos cargos na escola, e fora dela, quando o desempenho de cargos não dava pontos. Fui coordenador de directores de turma durante 8 anos, membro do Conselho Pedagógico durante 10 anos consecutivos, membro da Assembleia de Escola durante 3 anos, responsável pela formação contínua de professores, representante da escola na Associação de Escolas de Sintra, delegado de grupo disciplinar, director de turma, dinamizador de actividades extra-curriculares, colaborador do Ministério da Educação. No meio da parafernália burocrática em que me fui vendo submergido, entre relatórios, actas, impressos, faltas, telefonemas, planificações, cadernetas, grelhas, dossiers, registos, pautas, processos, ofícios, decretos, regulamentos, regimentos, PEE's, PAA's, PIA's, PCT's, PEI's, PIT's, PFC's, PA's, APA's, PR's, CEP's, CA's, reuniões, mais reuniões, ainda mais reuniões, procurei sempre não esquecer o essencial: dar aulas e exercer a reflexividade possível sobre a minha condição de professor.

De há uns anos a esta parte assumi, conscientemente, a “recusa” em ocupar qualquer cargo, mesmo percebendo que essa não seria a melhor opção para a progressão na carreira. Porque prometi em devido tempo, por minha honra, cumprir com lealdade as funções que me foram confiadas... e essa lealdade não foi correspondida. Porque repudio o facto de terem mudado as regras a meio do jogo:

no sistema de faltas, na avaliação do desempenho, na progressão na carreira, na redução do horário lectivo por tempo de serviço e idade, na idade da aposentação, na imposição de um cálculo arbitrário da componente não lectiva, na carga burocrática associada à função docente, na estrutura e funcionamento dos órgãos de gestão escolar, na objectiva, consciente e persistente desvalorização social da minha profissão. Porque simplesmente não pactuo com esta política educativa. Porque contesto frontalmente este Estatuto da Carreira Docente que instituiu as figuras de professor titular e não titular, introduzindo categorias e hierarquias entre profissionais que têm, regra geral, as mesmas habilitações e desempenhavam exactamente as mesmas funções – serem professores. Porque sou tão profissional e competente como qualquer outro colega que, simplesmente, por ter mais um ou dois anos de serviço e, conjunturalmente, ocupou mais este ou aquele cargo, se tornou titular. Porque quer ele, quer eu podemos orientar estágio pedagógico e formar professores. Porque até agora podíamos exercer qualquer cargo na escola.

Defendo a avaliação dos professores. Como defendo a avaliação dos políticos.guardo as grelhas para a avaliação destes últimos. Defendo um modelo de avaliação em que os meus pares assistam às minhas aulas e me avaliem, assim como eu assistirei às suas aulas e os avaliarei, não apenas tendo em vista uma avaliação para efeitos de progressão na carreira, mas também numa perspectiva formativa, de trabalho cooperativo, de partilha de experiências, de enriquecimento pessoal, em suma, num sistema de avaliação entre iguais, entre pares, com uma rotação de professores avaliadores dentro de cada grupo disciplinar, sendo todos eles, a seu tempo, ora avaliadores ora avaliados. Porque defendo que um professor deve ser avaliado pela sua carreira e não apenas pelos últimos anos de serviço. Porque os meus alunos não começaram a ter sucesso à minha disciplina, nem eu comecei a ser assíduo apenas este ano mas, ainda assim, não quero sentir a pressão, de ter de dar notas positivas para progredir na carreira. Porque não quero ficar dependente de uma direcção unipessoal da escola, de que depende em boa parte a minha avaliação e progressão na carreira. Porque não vejo com facilidade que colegas em escolas problemáticas sejam prejudicados por terem níveis de insucesso e abandono escolares naturalmente mais elevados. Porque não entendo como é que um professor não titular pode ser director executivo, mas já não pode ser coordenador de departamento. Porque não percebo onde está a justiça na avaliação de professores quando alguns colegas são confrontados com uma

avaliação externa (os colegas de Português e Matemática) e os restantes não. Porque repudio que a formação inicial de professores tenha sido totalmente descredibilizada e desrespeitada por um decreto que vem impor um exame (eliminatório), de admissão à carreira docente, a colegas licenciados e com estágio pedagógico concluído, que já leccionam há vários anos e, como tal, já foram e são úteis ao sistema. Porque não aceito que haja professores neste país aos quais se recusa, por longos anos, um mínimo de estabilidade financeira, familiar e emocional. Porque não admito que responsáveis políticos me tratem por “professorzeco”, não reconhecendo a importância social do meu ofício. Porque me indigno com quem diz, mentindo, que “há mais de 30 anos que não há um sistema de avaliação dos professores”.

Não sou, nem nunca fui sindicalista, sindicalizado ou filiado em algum partido político. Vou tornar-me activista, militante, mais empenhado e resistente. Porque recuso a ideia que as escolas e os seus órgãos de gestão pedagógica possam ser encarados como simples correias de transmissão e meros aplicadores da legislação. Porque é preciso dizer basta! Basta de ofender e humilhar os professores deste país! Porque sou professor e gosto muito de o ser. Porque sou também pai e sei como a educação e uma escola de qualidade, com professores motivados e empenhados, é uma condição essencial para a liberdade, o progresso e o desenvolvimento de um povo!

Ricardo Silva, professor.

EBI/JI D. Carlos I - Sintra

prof.ricardosilva@gmail.com